

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
O CINEMA DA ESTÓNIA: UM NINHO AO VENTO
19 e 21 de Abril de 2023

VIINI POSTMARK / 1968
("Carimbo Postal de Viena")

Um filme de Veljo Käsper

Realização: Veljo Käsper / Argumento: Ardi Liives, baseado numa peça teatral de sua autoria / Direcção de Fotografia: Harry Rehe / Direcção Artística: Rein Rammast / Música: Jaan Rääts / Montagem: Veera Parvel e Virve Sirel / Interpretação: Jüri Järvet (Martin Roll), Herta Erviste (Helma Roll), Ines Parker (Ulvi Roll), Vladislav Korzhets (Uku Roll), Alfred Rebane (Tõnis Uppi), Fleur Toomla (Epp Uppi), Paul Ruubel (Salurand), Einari Koppel (Salus), Ervin Abel (Tasku), etc.

Produção: Tallinnfilm / Produtor: Arkadi Pessegov / Cópia: digital, preto e branco, falada em estónio com legendas em inglês e legendagem electrónica em português / Duração: 78 minutos / Inédito comercialmente em Portugal.

As notas do jornal mensal da programação referem-se a **Vinii Postmark** como um filme fazendo lembrar as comédias de Billy Wilder, mas talvez a comparação mais justa até seja com as comédias italianas do mesmo período. Como em muitos desses filmes, pressente-se a vontade de uma crítica social mais ou menos cifrada, e no caso deste filme estónio mais cifrada ainda, dado que tinha que passar por uma censura que não havia, pelo menos do mesmo modo, em Itália (e que, segundo podemos saber, terá exercido o seu poder sobre o filme de Veljo Käsper, eliminando da montagem final um cena onírica, cujo sentido, e lugar dentro do filme, podemos apenas adivinhar).

Vinii Postmark foi a terceira longa-metragem deste realizador, Veljo Käsper (1930-1982), que viveu pouco mas encontrou um ritmo de produção regular (nove longas-metragens entre 1965 e o ano da sua morte), e que está hoje bastante esquecido pelo menos fora das fronteiras da Estónia. As poucas informações disponíveis sobre a sua obra referem que **Vinii Postmark** é a sua única comédia, e que foi um dos poucos filmes que realizou a ser bem acolhido pela crítica da altura. No desconhecimento dos seus restantes trabalhos, é difícil enquadrar estas informações de forma mais expandida.

Como, de certa forma, também é difícil agarrar o real valor, histórico ou sociológico, do filme de Käsper, tanto ele, através da sua história mais ou menos satírica, parece falar de uma realidade bastante precisa – a vida de uma classe média estónia no final dos anos 60 – e tratada quase como uma bolha, com poucas ou nenhuma intromissões explícitas da realidade circundante, política ou socialmente. Tudo, ou quase, fica num "off", que provavelmente não careceria de "interpretação" para os espectadores estónios da época. Notar-se-á que, sendo um filme com um pressuposto assente na verdade e na mentira (um pouco como uma comédia de Jim Carrey, muitos anos mais tarde, **Liar Liar**...), que tem centro na aposta que leva o protagonista a dizer apenas o que pensa e nada mais do que pensa, sem mentiras piedosas ou de outro tipo, durante determinado tempo, **Vinii Postmark** assenta numa ideia forte: dizer a verdade, não se esconder o que se pensa, são coisas elevadas a um estatuto extraordinário, o que, vendo as coisas ao contrário (como as comédias dignas desse nome pedem sempre que se faça), significa que vem dum mundo onde mentir e esconder o pensamento é que são as coisas ordinárias, a prática comum. A ideia é forte, tanto mais quanto for inserida no contexto histórico, e as poucas observações que podemos encontrar sobre o

filme sugerem que a ideia é mesmo para inserir num contexto – o contexto de uma burocracia (a soviética) tendencialmente corrupta, o contexto de um pensamento “rigorosamente vigiado” (como os comboios de Jiri Menzel uns anos antes). E num tal contexto, dizer a verdade e dar livre expressão ao pensamento acaba por ter efeitos práticos quase revolucionários, e essa, no fundo, é a narrativa de **Vinii Postmark**.

Que também enfeita isso com uma auréola de resistência. Vemos no princípio do filme os camiões que avançam transportando casas pré-fabricadas, rumo ao lugar onde serão montadas e instaladas, sinal de uma expansão urbana rápida e não muito sofisticada. Quando, no final do filme, vemos a pequena casa do protagonista rodeada de grandes blocos habitacionais, todos iguais uns aos outros, o contraste é claro: aquela casa é uma pequena ilha, onde se resiste.

Luís Miguel Oliveira